PAISAGEM PICTÓRICA E ATMOSFÉRICA A PARTIR DA JANELA AO SUL

MARIA EDUARDA LISBOA SILVEIRA[1]; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES[2].

[1]Universidade Federal de Pelotas – m.lisboa.eduarda@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente texto pretende expor os resultados da pesquisa intitulada *Paisagem pictórica e atmosférica a partir da janela ao Sul*, subsidiada pela bolsa de iniciação científica PROBIC/FAPERGS. A pesquisa é vinculada ao Projeto de Pesquisa "A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil" e ao grupo de pesquisa DES.LOC..C (Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas- CNPq/UFPEL), sob a orientação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves. Partindo de um olhar para o cotidiano, a pesquisa tem como objetivo criar pinturas com referência em fotografias diárias a partir da janela do quarto, que delimita a paisagem urbana de Pelotas. Com pinturas que tencionam a sua relação com o 'real' da imagem fotográfica referenciada, busco o realismo da cor, a modelação da luz pela fatura e a reverberação dessas cores pelo seu espaço no plano pictórico. As motivações deste olhar cujo ponto de vista e enquadramento denunciam o "eu-no-mundo", aquele *quem vê* e *de onde vê,* apontam para o conceito e o "dar a ver" defendidos por Anne Cauquelin em *A Invenção da Paisagem* (1989); e a 'vontade de recuperação do sujeito' defendida por Zalinda Cartaxo em *Pintura e Realidade:Realismo arquitetônico na pintura contemporânea. Adriana Varejão e José Lourenço* (2012); a pesquisa conta ainda com a metodologia de pesquisa em artes de Sandra Rey e os referenciais artísticos de Paulo Pasta e Fabio Miguez.

2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa que apoia as investigações é a pesquisa em arte defendida pela artista e pesquisadora Sandra Rey, em *Três instâncias metodológicas da pesquisa em arte*. A autora revela que o processo de criação começa pelo meio, ou seja "a obra se faz bem antes de começarmos a fazê-la no ateliê" (1996: p.87) e completa aconselhando a não impormos, quanto artistas, uma vontade exclusivamente intelectual.

As pinturas foram realizadas em atelier durante e pós-pandemia. Os procedimentos adotados são a observação, o enquadramento e o registro fotográfico de pontos de vista das janelas de locais residenciais. O movimento de fotografar para depois pintar foi recorrente da pandemia em 2020 em que fiquei aguardando "tudo voltar ao normal" e neste aguardo, capturei imagens que compunham a paisagem da janela do quarto na cidade de Garibaldi, e em situação de isolamento. Assim que ingressei

na Iniciação Científica em 2021 comecei a olhar para estas fotografias e tentar por meio de potencializadas na imagem encontrar substrato para o desenvolvimento de uma poética visual. Considero que o interesse pelas paisagens urbanas estava presente em trabalhos realizados nos primeiros semestres, de maneira intuitiva, uma vez que recorrentemente identificava uma estrutura urbana, um detalhe, ou cores que se destacavam em meu cotidiano, e parava para fotografar. Com um certo tempo de pesquisa, passei a dar mais atenção ao enquadramento, ao zoom e à posição em que me encontrava em relação ao que observava, a fim de criar um padrão para cada uma dessas estruturas, que pudesse ser repetido. Busquei dar atenção a estas mesmas estruturas, detalhes e cores em outros dias e horários estabelecendo uma relação de proximidade e pertencimento àquele espaço. Desta forma, ao observar e registrar por meio da fotografia, com um pensamento voltado para a possibilidade da pintura, dei início ao meu processo poético e criativo, que transformou-se em uma forma de viver e representar pictoricamente os espaços que frequento, e de ser permeada por eles. Igualmente, adotei práticas de levantamento de referências artísticas e teóricas, junto, executava os trabalhos de pintura a partir de orientações individuais e coletivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

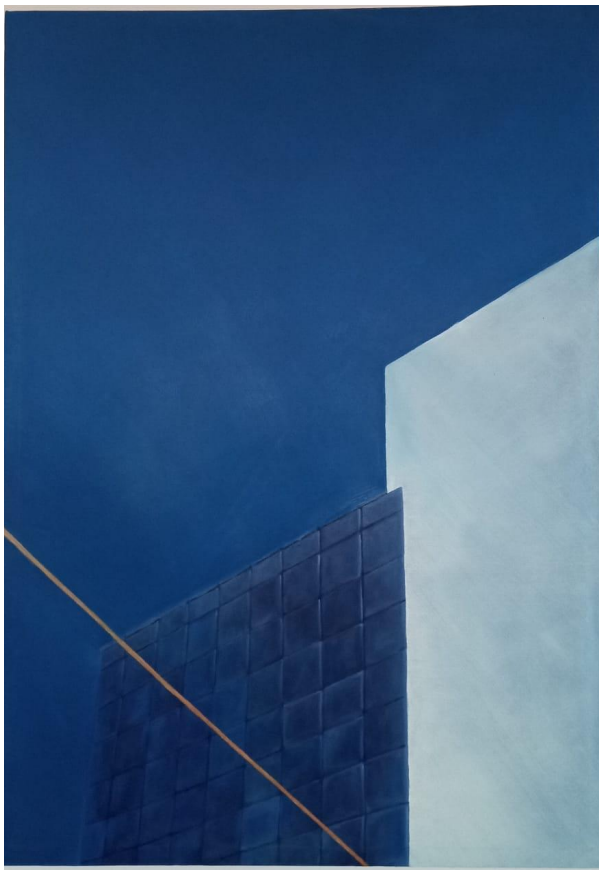
No ateliê, ao longo do meu processo de pintura, passei a entender na prática o embate entre os caminhos possíveis de serem tomados, ao fazer escolhas relacionadas à técnica de pintura a óleo, e os resultados que surgiam destas escolhas. Além dos enquadramentos que partiram das fotografias, outras decisões recortaram e consequentemente subtraíram elementos da realidade fotográfica, mas que não aparecem nas pinturas. Segundo Zalinda Cartaxo (2012: p.108)

> O aparente paradoxo de uma pintura que parte, literalmente, de uma imagem fotográfica, cujos resultados revelam independência do modelo original, resgata a questão do quão relativo o realismo manifestou-se ao longo da história da arte. [...] Contudo, as questões de ordem técnica e poética colaboram na leitura que o artista tem do real.

Assim, em meio a pintura e seu processo, conforme subtraia os detalhes das imagens de referência, passei a entender que o que me interessava nas paisagens urbanas era a luz como protagonista, a unidade luminosa e cromática que buscava construir por meio de uma atmosfera pictórica (fig 1. e fig 2) . Guiada por uma ideia de realismo da cor, a relação entre céu e estruturas urbanas destacavam-se do resto da cidade. Contudo, evidencio o cuidado que tenho ao enquadrar para conquistar uma composição que tenha intensidade e autonomia em relação a cena. Sobre esta premissa, a teórica francesa Anne Cauquelin aponta “delimitar um fragmento com valência de totalidade, sabendo que só o fragmento dará conta do que é implicitamente visado: a natureza em seu conjunto.” (CAUQUELIN, 1989: p.138).

Desta forma, de fragmento em fragmento capturados da minha paisagem cotidiana pelotense, acumulei em meu arquivo pessoal um total de 4151 fotografias. Em meio a estes registros, as estruturas encontradas por mim na cidade foram se repetindo e padrões se formaram e multiplicaram constituindo uma produção artística pessoal

(figura 1). O Fundo do céu. Óleo sobre tecido, 10x15 cm cada uma. 2021-. fotografia da autora.



(Figura 2). Sem título. óleo sobre tela, 70x100cm, 2023. Fotografia da autora.

3. CONCLUSÕES

O exercício de observação, durante a pandemia e posteriormente, das cenas que visualizava na janela, me conceberam uma produção de paisagens pictóricas e suas variáveis cromáticas e luminosas. A percepção direcionada às estruturas dos prédios que eram vistos diariamente, me proporcionaram um tipo de olhar atento às variações de uma mesma vista. Assim, a pesquisa me concedeu o encontro com um novo horizonte a partir do posicionamento lúdico diante das cenas cotidianas, através da transposição da imensidão de uma paisagem para um enquadramento específico que direciona a percepção às sutilezas do banal, transformando este trabalho em um convite a viver os lugares que ocupamos em nossos cotidianos, e a reinventá-los.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTAXO, Z. Pintura e Realidade: Realismo arquitetônico na pintura contemporânea. Adriana Varejão e José Lourenço. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.
CAUQUELIN, A. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins, 2007.
REY, S. Pesquisa em Arte. Porto Arte, Porto Alegre, v.7, n.13, p.81-95, 1996.
PASTA, Paulo. Pintura de Bolso . Disponível em : https://www.youtube.com/watch?v=U8Bkz7Xwz-M acessado em 08 de julho de 2023